

Economia brasileira ladeira abaixo

Todo mundo esperava más notícias sobre o desempenho da economia brasileira no primeiro trimestre. Indícios de que passamos por uma desaceleração generalizada da atividade não faltaram nos últimos meses. Mesmo assim, não deixou de chocar a taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): 0,2%.

Por mais que as autoridades busquem atenuantes e justificativas, essa taxa é perigosamente baixa e precisa ser encarada como um desafio a ser enfrentado sem subterfúgios. Classificá-la de moderada é excesso de boa vontade. Mais prudente é vê-la como sinal de que é hora de mudar a orientação.

E, a esta altura, ajuda pouco invocar o alibi dos fatores exógenos, ou seja, atribuir ao câmbio e à crise internacional mais culpa do que eles realmente têm. Tampouco é bastante constatar que a seca e suas consequências sobre os preços dos alimentos empurraram a inflação para cima, fator que, aliado aos juros altos e à baixa oferta de crédito, está impedindo a economia de retomar crescimento convincente.

Os números que compuseram essa taxa miúda oferecem motivos para conclusões mais contundentes. A indústria teve desempenho negativo de 0,8% no trimestre, confirmando o desânimo manifestado nos últimos meses pelos empresários do setor. Note-se que não se trata de pessimistas ou

críticos de plantão. É a banda da economia que investe, ou deveria investir seu capital na produção em busca de retorno, mas que não está vendo mais do que incertezas no horizonte próximo.

O consumo das famílias, inadvertida aposta do governo nos últimos anos, também recuou, caindo 0,1% e quebrando uma série de três trimestres consecutivos de altas. O pior é que os investimentos, que deveriam ser o verdadeiro e mais saudável combustível do crescimento, também não ficaram imunes à desaceleração: caíram 2,1%. Eles refletiram o clima de incertezas empresariais, confirmando e ampliando a tendência verificada nos dois trimestres anteriores.

Na contramão da rampa de descida — e isso explica muita coisa —, os gastos governamentais mantiveram-se em alta, como nos três trimestres anteriores, exibindo taxa positiva de 0,7%, ligeiramente menor do que o 0,9% do quarto e do terceiro trimestres e o 0,8% do segundo trimestre de 2013. Ou seja, está aí uma acumulação que explica os apertos para o cumprimento das metas fiscais e que, se o consumo está em baixa, funciona como pressão sobre a inflação.

O resumo é que, se a inflação tem pesado contra a atividade econômica, como reconhece o governo, é de se perguntar: além da sazonalidade dos hortigranjeiros, o que está pesando com mais consistência na inflação se não os gastos do governo?